

# IBGE: economia brasileira pode sofrer recessão sem precedentes

MARIZA LOUVEN

A economia brasileira pode mergulhar, este ano, numa recessão sem precedentes, superior, inclusive, à que levou à retração de 4,4% do Produto Interno Bruto (PIB) em 1981. De acordo com simulações feitas pelos técnicos do Departamento de Contas Nacionais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), com base em dois cenários, de queda e de crescimento das exportações, o PIB cairia 4,58% ou 2,4%, caso seus demais componentes (demanda do Governo e investimentos) não fossem afetados pela crise.

Os cálculos vão de encontro às previsões da equipe econômica do Governo, que chega a prever crescimento de 2% do PIB este ano, segundo o Secretário de Planejamento, Marcos Gianetti Fonseca. Mas a simulação feita pelo IBGE considerou a possibilidade de que o consumo interno caia 6%, como ocorreu durante a recessão de 1981. Levando em conta a participação deste item no PIB, a queda de 6% seria suficiente para produzir, sozinha, uma redução de 3,4% no PIB. O que variou, para a

construção dos dois cenários, foram as previsões de desempenho das exportações.

O cenário de queda das vendas externas utilizou a previsão da Fundação Centro de Estudos de Comércio Exterior (Funcex), segundo a qual as exportações atingirão US\$ 30 bilhões este ano. Isso significa uma queda de 11,8% em relação aos US\$ 34 bilhões do ano passado. Também levando em conta a participação das exportações no PIB, neste caso, o impacto negativo seria de 1,18% no PIB. Mas os técnicos do IBGE preferem trabalhar com a possibilidade de expansão de 10% das exportações, o que possibilitaria um crescimento do PIB em 1%.

Ou seja, de acordo com o primeiro cenário, uma retração de 3,4% na demanda interna, mais a queda de 1,18% provocada pela diminuição das exportações, levariam a uma queda de 4,58% do PIB. No segundo cenário, porém, os 3,4% de queda no PIB provocados pela demanda interna seriam amenizados pelo crescimento de 1% produzido pelas exportações, dando como resultado final uma queda de 2,4% do PIB.

A intenção foi demonstrar que as exportações podem reduzir o impacto da recessão, mas dificilmente impedirão

que ela aconteça. Mesmo porque, conforme explicam os técnicos do IBGE, não foram considerados os demais componentes do PIB, que dificilmente deixarão de ser atingidos pela crise. Além disso, não foi considerado, também, que o aperto de liquidez promovido pelo Plano Collor pode ter efeitos ainda mais drásticos sobre a demanda interna.

Os economistas do IBGE acrescentam que o Governo tem instrumentos para reduzir o impacto da recessão. Além do estímulo às exportações, há possibilidade de criação de uma política de desenvolvimento, na qual o principal ingrediente seria o incremento dos investimentos, com destaque para os do próprio Governo. Mas eles só vislumbram a possibilidade de o Governo colocar uma estratégia como esta em prática após a mudança do ano fiscal, no fim do primeiro semestre. Dificilmente, porém, os resultados desta política apareceriam ainda este ano.

Embora a recessão de 1981 tenha se prolongado por três anos, os economistas do IBGE acreditam na possibilidade de o Governo reverter a situação já em 1991, quando a economia voltaria a crescer.

## Setores que mais têm impacto na produção

Técnicos do IBGE listaram, por ordem de importância, os setores que mais pesam na produção e indicaram o impacto da queda de vendas e o que representa em termos de manutenção de empregos.

SETORES	IMPACTO T. <sup>*</sup>	EMPREGO D.	EMPREGO L*
	(C\$ milhões)		
Construção civil	212,0	165	286
Siderurgia	299,9	21	178
Alojamento e alimentação	224,0	239	508
Serviços de reparos	216,0	943	445
Carne	258,0	31	739
Automobilística	266,0	39	172
Autopeças	257,0	52	167
Vestuário	259,0	127	288
Papel	240,0	55	176
Adubos	189,0	12	60
Leite e derivados	296,0	27	711
Café	306,9	23	819
Cimento	232,6	20	111
Bebidas	241,0	70	294
Eletrodomésticos	236,0	54	158

\* Impacto T., significa o impacto total, incluindo o indireto. O mesmo ocorre com o emprego direto e total. Os setores foram relacionados por ordem de importância, de acordo com o volume de produção de cada um.

FONTE: Série Relatórios Metodológicos — Matriz de Insumo-Produto/IBGE